

Tangerinas

Akutagawa Ryûnosuke
Tradução: Ernei Ribeiro¹
Revisão: Meiko Shimon

Era o anoitecer de um dia nublado de inverno. Sentado num canto do vagão de segunda classe de trem, que ia de Yokosuka para Tóquio, esperei distraidamente o apito de partida. Dentro do trem, há muito, as luzes estavam acesas e, no entanto, além de mim, não havia outros passageiros, o que era uma coisa rara. Olhando para fora, notei que na plataforma mal iluminada não havia ninguém se despedindo dos passageiros, o que era raridade também. Apenas um cachorrinho preso dentro da jaula latia tristemente de tempos em tempos. Tudo isso era um cenário muito apropriado para meu estado de espírito na ocasião. Pela minha cabeça ia um cansaço indescritível, como se um céu nublado anunciando a neve jogasse uma sombra sobre mim. Mantendo as mãos nos bolsos do casaco, não sentia nenhum ânimo para retirar daí o jornal vespertino para lê-lo.

Logo soou o apito de partida. Sentindo uma leve descontração, encostei a cabeça no caixilho da janela atrás de mim. Esperava distraidamente que a plataforma em frente aos meus olhos começasse a deslizar lentamente. Porém, neste ínterim, ouvi ruídos espalhafatosos de tamancos vindos dos lados da bilheteria e, logo, ao mesmo tempo em que eram ouvidas algumas injúrias em voz alta do assessor de vagões, a porta do vagão de segunda classe, onde me encontrava, foi aberta com ímpeto, entrando apressadamente uma menina de treze ou quatorze anos. Agora, balançando pesadamente, o trem partiu em marcha lenta. As colunas da plataforma, uma por uma, passando para trás no campo da minha visão; um caminhão-pipa que parecia ter sido esquecido; e ainda o carregador de bagagens agradecendo alguém pela gorjeta recebida... Tudo isso dentro da fuligem a soprar contra a janela foram se tombando para trás, relutantemente. Finalmente, me senti aliviado e, acendendo um cigarro, levantei as pálpebras sonolentas e lancei um olhar no rosto da menina no assento da frente, do outro lado do corredor.

¹ Acadêmico em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Ela tinha um cabelo seco penteado na forma de *ichogaeshi*. As bochechas cheias de gretas e marcadas de sulcos horizontais eram tão afogueadas e coradas que me causavam mal estar. Certamente era uma menina do interior. Além do mais, usava um cachecol sujo de lã verde-claro dependurado sobre seus joelhos, onde havia um grande volume de *furoshiki*². Nas mãos cheias de frieiras que carregavam o embrulho, segurava com firmeza um bilhete vermelho de terceira classe. Eu não gostei das feições vulgares dessa menina. Além do mais, suas roupas imundas me causavam uma sensação desagradável. Por fim, sua estupidez que nem consegue distinguir entre segunda e terceira classe me era irritante. Acendi um cigarro e, querendo acima de tudo esquecer da existência dessa menina, abri sobre os joelhos o jornal que estava no bolso sem muito propósito de lê-lo. Foi nesse momento que a claridade exterior que incidia sobre o jornal, de repente, mudou para as luzes elétricas do trem. As letras mal impressas de algumas colunas, inesperadamente, ganharam nitidez diante de meus olhos. Evidentemente, o trem havia entrado no primeiro dos muitos túneis desta linha de Yokosuka-Tóquio.

Contudo, mesmo percorrendo os olhos sobre as páginas do jornal iluminadas por essas luzes, o mundo estava cheio demais de acontecimentos triviais para que pudesse consolar minha melancolia. A questão do tratado de paz, noivados, casos de corrupção, anúncios funerários... No instante em que o trem ingressou no túnel, tive uma impressão confusa de que o trem estava indo pelo sentido contrário, enquanto passava os olhos mecanicamente de uma reportagem desoladora para outra. É claro que, enquanto isso, eu mantinha consciência da presença daquela menina sentada na minha frente, cujo aspecto parecia personificar a vulgar realidade. Esse trem indo pelo túnel, essa menina provinciana e o jornal vespertino cheio de notícias triviais... não estaria tudo isso simbolizando algo? Não estaria simbolizando esta incompreensível, miserável e entediante vida humana? Achando tudo uma grande tolice, larguei o jornal e encostei a cabeça no caixilho da janela, fechei os olhos como se estivesse morto e comecei a cochilar.

Depois disso, passaram-se alguns minutos. De repente, senti-me surpreendido com alguma coisa e olhei em volta. Notei que a tal menina, não sei quando isto aconteceu, levantou-se do assento do outro lado e veio para perto de mim, tentando abrir a janela. Mas, a pesada estrutura de vidro não se abria com tanta facilidade. Aquelas bochechas cheias de gretas

² Furoshiki: Pano quadrado próprio para enrolar e carregar objetos.

ficaram ainda mais vermelhas, o ruído do nariz fungando e a pequena respiração ofegante chegavam agitadamente aos meus ouvidos. Isso, sem dúvida, me deu um pouco de pena. Porém, era mais do que evidente pela aproximação das encostas da montanha, onde apenas o capim seco parecia iluminado no anoitecer, que o trem se aproximava da entrada do túnel novamente. Apesar disso, essa menina dá-se o trabalho de abrir a janela... eu não conseguia atinar a razão de seus atos. Só podia pensar que ela fazia isso simplesmente porque lhe deu na veneta. Por isso, enquanto mantinha no fundo do coração um sentimento sombrio eu olhava cruelmente àquelas mãos com frieiras fazendo um tremendo esforço, tentando abrir o vidro da janela como se rezasse para que ela jamais tivesse êxito. Então, ao mesmo tempo em que o trem entrava no túnel como uma avalanche com um estrondo ensurdecedor, a janela que a menina estava forçando desceu com ímpeto. Logo, desse buraco quadrado, entrou um ar escuro como se dissolvesse fuligem n'água e repentinamente se transformou em fumaças sufocantes, enchendo o interior do vagão. Eu, que sempre sofria com a garganta sensível, não tive nem tempo de cobrir o rosto com um lenço e, graças à fumaça que apanhei em cheio, comecei a tossir convulsivamente quase sem fôlego para respirar. Mas, a menina sem parecer se importar comigo esticou o pescoço para fora da janela com os cabelos das têmporas de seu *ichogaeshi* a tremular com o vento que soprava na escuridão e olhava fixamente na direção que o trem seguia. Enquanto contemplava essa sua imagem dentro da fumaça e da luz elétrica o lado de fora da janela já ganhava a claridade rapidamente. Se não tivesse vindo pela janela frio cheiro de terra, de capim seco e da água, eu, que mal me recuperava da tosse, teria repreendido rudemente essa menina estranha para que fechasse a janela.

Porém, nessas alturas, o trem já deixava o túnel sem dificuldade e alcançava entre os morros cobertos de capim seco uma passagem de nível que havia no pobre subúrbio de uma cidade. Perto da passagem, os miseráveis casebres com seus telhados e coberturas de palha estavam amontoados e apertados, e o guarda da passagem de nível balançava uma bandeira branca que languidamente sacudia as cores do anoitecer. Mal eu notei que o trem saiu do túnel... e no mesmo momento vi três meninos de bochechas coradas, enfileirando-se apertadinhos no outro lado da solitária cerca da passagem de nível. Todos esses meninos eram de baixa estatura como se estivessem pressionados e encolhidos sob o céu nublado. Usavam roupas que se assemelhavam com o aspecto medonho dessa zona suburbana. Ao verem o trem que ia passando, levantaram as mãos todos

juntos e, ao mesmo tempo, arqueando os frágeis pescoços começaram a gritar algo ininteligível com toda força. Foi neste instante, debruçando metade do corpo para fora da janela, que a menina estendeu rápida aquelas mãos com frieiras, balançando-as vigorosamente e, então, cinco ou seis tangerinas de cor quente, como alegres e entusiasmantes raios de sol, caíram do céu, espalhando-se sobre as crianças que vieram para se despedir do trem. Senti minha respiração paralisar momentaneamente. Num instante, compreendi tudo. A menina, esta menina que provavelmente estava indo trabalhar na casa de seu patrão, jogou da janela algumas tangerinas que guardara para retribuir ao carinho dos seus irmãozinhos que vieram até essa passagem para se despedir.

A passagem de nível na periferia da cidade, tingida por cores do anoitecer, as três crianças gritando como passarinhos e a cor intensa das tangerinas espalhando-se sobre elas... Tudo isso se passou de um momento para outro, no lado de fora da janela do trem. Mas, a cena ficou gravada com profunda emoção no fundo do meu coração. Tive, então, a consciência do ressurgimento de uma sensação de alegria indefinível. Levantei a cabeça triunfante e olhei a menina fixamente como se descobrisse uma outra pessoa. A menina já havia retornado para o assento na minha frente, escondendo as bochechas cheias de gretas no cachecol de lã verde-claro. Suas mãos que carregavam o grande volume de *furoshiki* seguravam firmemente a passagem de terceira classe...

Nesse momento, pela primeira vez eu pude esquecer um pouco aquele indescritível cansaço e aborrecimento e, ainda, a incompreensível, miserável e entediante vida humana.

(Mikan: 1919)